



# O Racionalismo Grego

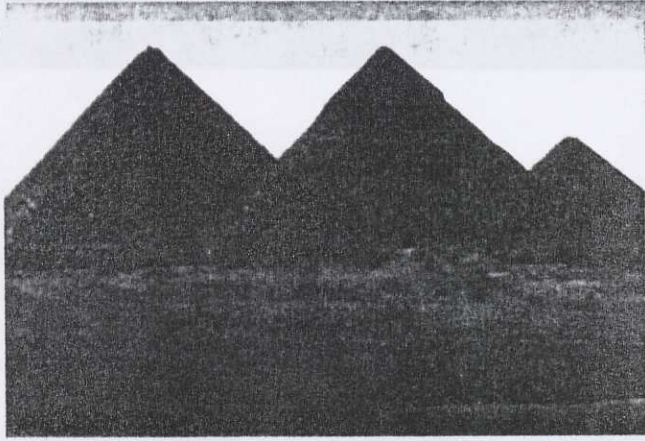
**O** médico grego Hipócrates (460–377 a.C.) foi o primeiro a olhar para um homem tendo um ataque epiléptico — uma crise de perda da consciência, acompanhada de convulsões — e dizer: “Não há nenhum deus aí dentro; é um fenômeno do corpo desse indivíduo”. Todos os outros povos da Antiguidade davam uma explicação mística para o fenômeno. Viam deuses e demônios na epilepsia, chamada de “doença sagrada”. Hipócrates afirmava que todas as doenças possuem uma causa natural, não devendo ser encaradas como punição divina.

A explicação de Hipócrates para a epilepsia ilustra o que a Grécia Antiga nos proporcionou: a idéia da investigação sistemática, de que o mundo é regido por leis da natureza, e não por deuses cheios de caprichos. Matemáticos indianos inventaram o zero, chave da aritmética. A civilização chinesa inventou a pólvora e a bússola. Os maias utilizavam um calendário muito melhor do que o dos europeus que os invadiram e dominaram. Mas nenhuma dessas civilizações desenvolveu um modelo que duvida de tudo, investigador e experimental. Esse modelo questionador veio dos gregos antigos.

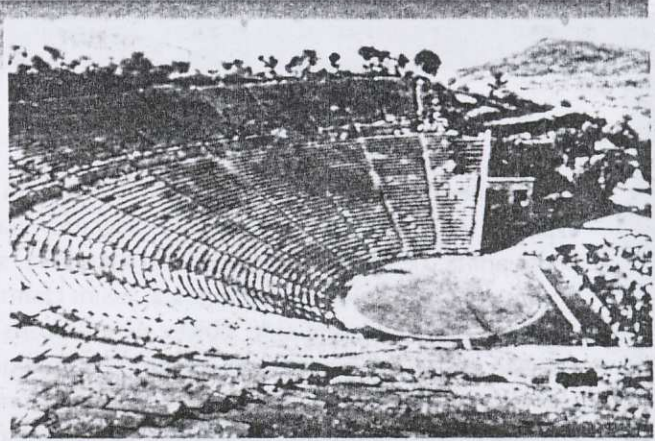
Uma civilização que desenvolveu uma assembléia, na qual os homens aprenderam a persuadir uns aos outros por meio do debate, da polêmica; uma economia marítima que impedia o isolamento e, ao mesmo tempo, desenvolvia uma classe mercantil independente, que podia contratar seus próprios professores; que escreveu a *Iliada* e a *Odisséia*, obras-primas da literatura e do pensamento racional; que construiu uma religião que não era dominada por sacerdotes. E, o fundamental, persistiu em conjugar esses fatores durante mil anos.

Como dizia o pensador romano Lucrécio, os gregos viam “a natureza livre e desembaraçada de seus senhores arrogantes, agindo espontaneamente por si mesma, sem a interferência dos deuses”.

Claro que se libertar da superstição é uma condição necessária, mas não suficiente, para a ciência. Então, que percurso histórico explicaria o aumento do racionalismo? O que levou os gregos a se diferenciarem dos outros povos da Antiguidade?



Pirâmides de Miquerinos (c. 2470 a.C.), Quefnén (c. 2500 a.C.) e Quéops (c. 2530 a.C.).



Teatro de Epidauro (c. 350 a.C.).

PAF/ARTEPHOT/INTERCONTINENTAL PRESS

## O papel do Estado no Egito Antigo e na Grécia Antiga

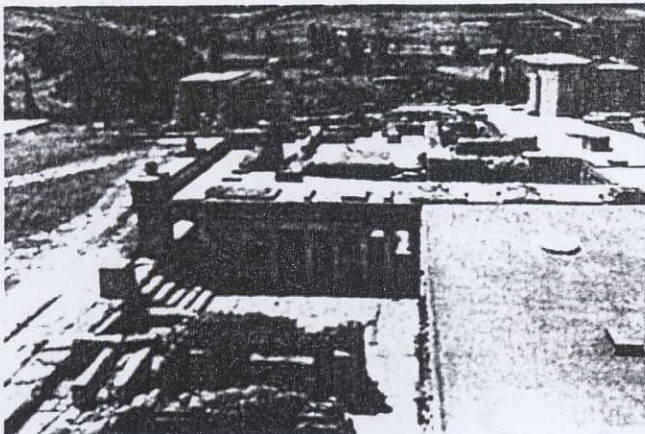
As pirâmides do Egito Antigo poderiam ser consideradas obras públicas? Que utilidade prática tinham para a população egípcia como um todo? Comparadas à concepção que hoje temos de uma obra pública, as pirâmides estão bem longe desse ideal.

Atualmente, quando o Estado faz uma estrada, com os tributos arrecadados da população, ela serve todos os cidadãos. É impensável um Estado pegar o dinheiro dos impostos para construir um imenso túmulo para seu presidente. As pirâmides não passavam de tumbas gigantes para guardar o corpo do faraó morto. Elas são a própria imagem do Estado egípcio, um Estado teocrático (do grego *théos* — deus e *kratéia* — governo, poder). Desobedecer ao Estado era desobedecer aos deuses. Neles, os homens eram súditos, e não cidadãos; as leis eram atribuídas aos deuses, e não aos homens.

Essa talvez seja a grande invenção dos gregos: um Estado que representava os homens, e não os deuses; em que as leis eram feitas pelos homens. Leis que não se impunham pelo prestígio religioso, e sim pela força da linguagem. Esse modelo político significou uma diminuição sensível no papel da religiosidade nas questões de poder e um aumento do racionalismo. Como veremos a seguir, isso não representou o fim da religiosidade entre os gregos antigos. O próprio juramento dos médicos, atribuído a Hipócrates, começa com uma invocação aos deuses Apolo, Esculápio, Higiéia e Panacéia.

## O mundo minóico

As escavações arqueológicas na ilha de Creta, no final do século XIX, levaram à descoberta das origens da civilização grega. Cretenses formaram uma civilização centrada no palácio, eixo da vida social, e na cidade. Pelos restos arqueológicos foi possível concluir que eles estavam acostumados a viagens por mar e tinham contatos com a civilização egípcia. Produtos cretenses foram descobertos no Egito e produtos egípcios, em Creta.



Os vestígios indicavam que a cidade de Cnossos, em Creta, era o centro de um império predominantemente comercial. Seu palácio, um imenso labirinto com mais de 1,5 mil cômodos repletos de esculturas e pinturas, é a melhor evidência arqueológica do progresso conquistado por essa civilização.

Palácio de Minos (c.1500 a.C.). Cnossos, Creta.

Da mesma maneira que no Egito Antigo, em Creta religião e vida estavam intimamente integradas. A arte exprimia temas religiosos, e símbolos sagrados eram colocados nos palácios e lares. Na política, o rei detinha o poder político e religioso. Como sumo sacerdote, suas leis simbolizavam a força dos deuses, e não a dos homens.

Os centros da civilização minóica, assim chamada em homenagem ao rei Minos, foram destruídos por volta de 1450 a.C. A causa tem sido objeto de calorosos debates. Para alguns historiadores, deveu-se a uma poderosa erupção vulcânica. No entanto, a maioria afirma que resultou da invasão e da pilhagem levada a cabo por gregos, conhecidos como micênicos, procedentes do continente. Os micênicos teriam invadido, assimilado a cultura cretense e, posteriormente, superado e submetido a ilha de Creta. Os minóicos não se recuperaram e, em dois séculos, sua civilização desapareceu. No entanto, sua participação na origem da civilização grega foi fundamental.

## O mundo micênico

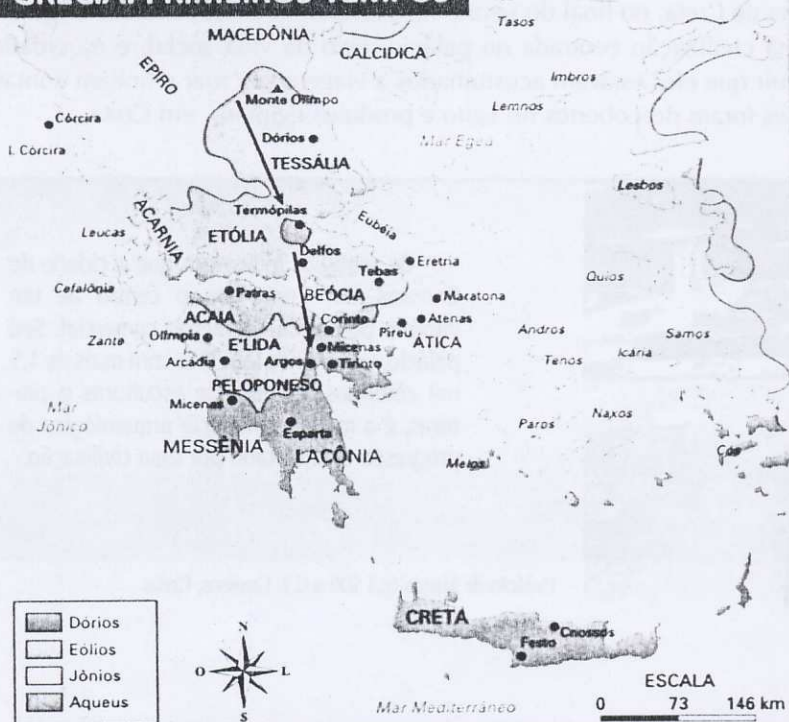
Quem eram esses invasores? Em torno de 2000 a.C., tribos indo-européias rumaram para o sul, em direção à península grega, onde, com a população pré-grega, formaram a civilização micênica.

Micenas, local extremamente fortificado, foi descoberta após escavações arqueológicas no fim do século XIX pelo arqueólogo alemão Heinrich Schliemann. Em uma série de sepulturas, foram encontradas extraordinárias máscaras de ouro, jóias e armas de bronze pertencentes a essa civilização, cuja existência foi datada entre aproximadamente 1600 e 1150 a.C.

No Peloponeso, os micênicos construíram palácios de arquitetura inspirados nos modelos cretenses, de onde seus reis dirigiam os negócios de Estado, sacerdotes e sacerdotisas realizavam cerimônias religiosas, e ferreiros, alfaiates e construtores de carros desempenhavam suas funções de modo muito semelhante ao de seus contemporâneos minóicos. Os micênicos eram também comerciantes e trocavam mercadorias com os povos do Egito, do litoral da Fenícia, da Sicília e da Itália meridional.

A civilização micênica atingiu o apogeu no período de 1400 - 1230 a.C. Guerras constantes entre seus reinos, perturbações sociais internas que enfraqueceram as camadas dirigentes e, provavelmente, mudanças climáticas prejudiciais à agricultura levaram à desintegração da civilização micênica por volta de 1150 a.C. No entanto, os micênicos legaram à civilização grega posterior suas crenças religiosas, a arte da cerâmica, a metalurgia, a agricultura, a língua, um código de honra imortalizado nas epopéias homéricas, além de mitos e lendas que continham a matéria para as tragédias gregas.

### GRÉCIA: PRIMEIROS TEMPOS



### O papel dos dórios

Durante muito tempo, a destruição brusca dos palácios e das cidades micênicas foi atribuída à invasão de uma população grega, os dórios. A opção de não citar esse fato é proposital. Teria a invasão dórica sido uma realidade? Há controvérsias, e as últimas pesquisas arqueológicas não encontram vestígios de tal invasão. Coisas da História. Não é só o presente que muda a cada instante, a visão do passado também.

Fonte: ROSA, Gabriele de e CESTARO, Antonio. *Mito, storia, civiltà*. Roma: Minerva Italiana, 1978. v. 1. p. 89.

# O período homérico (XII a.C. – VIII a.C.)

De 1200 a 800 a.C. o mundo grego passou por uma etapa de transição entre o mundo dos palácios e o das cidades que floresceriam posteriormente. Quatro séculos enigmáticos, chamados de “séculos obscuros”. Um período mal conhecido, no qual ocorreu o desaparecimento do sistema burocrático, a extinção do comércio de longo curso e o abandono da escrita.

A ausência de documentos escritos confere enorme importância à pesquisa arqueológica, que sublinha uma enorme diversidade de modos de vida na Grécia. Existiam formas precoces de cidade, comunidades agrárias coletivistas, grupos nômades e, quem sabe, outros modelos de vida em sociedade.

De qualquer maneira, os indícios apontam o predomínio de uma sociedade agropastoril. Os homens viviam em pequenas células agrícolas definidas como **genos** ou comunidades gentílicas. Nelas prevalecia uma economia coletivizada e a liderança do *pater familias*, chefe político e líder religioso. A preservação do passado se fazia pela **tradição oral**, em que poetas, chamados **aedos**, contavam a História por meio da poesia. Para tornar suas narrativas mais atraentes aos ouvintes, os aedos as iam ampliando, geração após geração. Ninguém na platéia estava preocupado em apurar a verdade. O essencial era a beleza e a emoção que a narração poderia despertar.

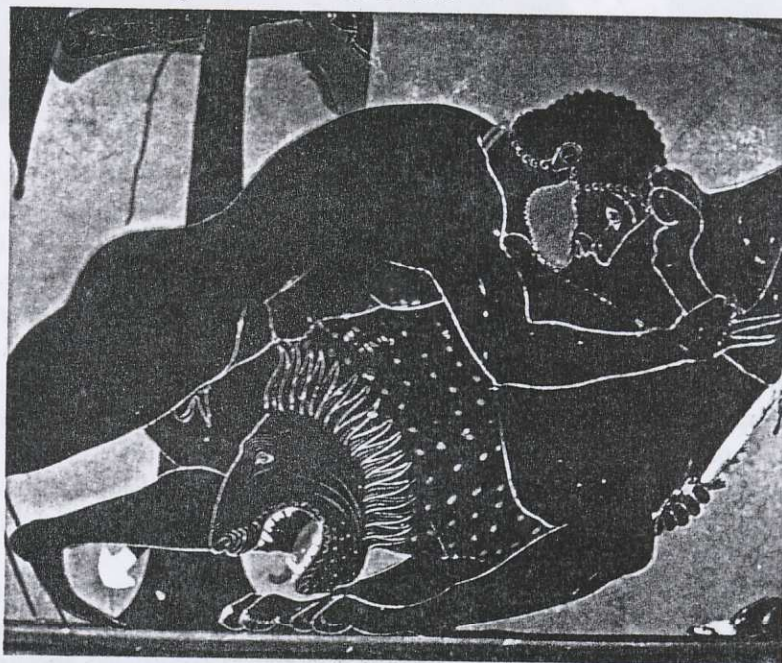
Durante o século VIII a.C., logo após o período homérico, um indivíduo chamado Homero teria reunido essas histórias nas epopéias *Ilíada* e *Odisséia*. (Ninguém sabe ao certo se essas epopéias foram ambas escritas por Homero.) Por trás dessas obras, havia séculos a fio de uma poesia até então oral, composta, recitada e transmitida pelos aedos sem o auxílio de uma só palavra escrita.

Esses dois poemas épicos narram a Guerra de Tróia e o regresso de Ulisses a Ítaca.

Na *Ilíada* é narrado o último ano da guerra, ocorrida séculos antes da época de Homero, durante o período micênico, provocada pelo rapto de Helena, filha do rei de Esparta, por Páris, príncipe de Tróia. Helena era tão bela e tinha tantos pretendentes que seu pai promoveu uma grande reunião com todos os interessados e obteve deles um compromisso: qualquer que fosse o escolhido por ela, os demais se comprometiam a defender o casal contra as ofensas que pudessem sofrer. O escolhido foi Menelau, que, assim, também tornou-se rei de Esparta.

A vida transcorria serena até o dia em que Páris conheceu Helena e por ela se apaixonou. Não tendo sido um dos preteridos e não estando, portanto, amarrado ao compromisso firmado por estes, raptou a amada e levou-a para Tróia.

Agamenon, irmão do ofendido Menelau, convocou todos os antigos pretendentes à mão de Helena, lembrou-lhes o pacto de fidelidade e organizou a primeira expedição contra Tróia. Foram dez longos anos de luta em que a sorte pendeu ora para um lado, ora para outro. Finalmente Ulisses, um guerreiro espartano sem nenhum poder extraordinário, a não ser uma cabeça fértil para inventar truques e expedientes, criou o estratagema da vitória: um grande cavalo de madeira capaz de abrigar alguns guerreiros em seu interior. Os troianos, que consideravam o cavalo um animal sagrado, reco-



MUSEU CIVICO, BRESCIA

Heracles matando o leão de Nemeia (detalhe de ânfora), de Psiax, 525 a.C.

## Entre o fato e a ficção

Num dos maiores clássicos do faroeste — gênero cinematográfico que narra de forma romântica e ampliada a conquista do Oeste americano —, *O homem que matou o facinoroso* (1962), do diretor John Ford (1895-1973), o jornalista-personagem diz: “Quando a lenda fica mais interessante do que a realidade, publique-se a lenda”. Talvez aí resida o grande prazer da *Ilíada* e da *Odisséia*: o de recontar o passado ampliando-o, para torná-lo mais atraente a quem escuta. Como afirmou o escritor grego Konstantinos Kaváfis (1863-1933): “Não mente sempre a arte? E não é quando mente mais que ela se revela mais criativa?”. Ou como cantava o compositor brasileiro Cazusa (1958-1989): “Mentiras sinceras interessam”.



John Guy em alusão ao cavalo de Tróia.

Iheram o presente deixado diante do portão de suas muralhas, acreditando ser um reconhecimento da derrota por parte dos gregos, e passaram a noite comemorando a vitória. Os soldados escondidos dentro do cavalo aproveitaram a festa para sair, incendiar e destruir Tróia. Essa é a origem da expressão “presente de grego”.

Estudos arqueológicos contestam vários episódios narrados na *Ilíada*. As mais recentes escavações feitas no local levaram a concluir que Tróia não foi destruída por um incêndio. Há provas claras de que o que houve ali foi um terremoto. Diante disso, o historiador inglês Moses Finley, falecido em 1986, propôs que se retirasse definitivamente a Guerra de Tróia dos livros de História. Segundo ele, não há uma só prova consistente de que a guerra entre troianos e gregos tenha acontecido.

Por mais que os historiadores e arqueólogos tentem demonstrar o quanto há de verdade e mentira nas epopeias gregas, o que parece prevalecer na memória do homem comum é a imagem poética da lenda, que tem contornos muito mais fortes do que a realidade.

Em Homero fica claro que a guerra era um dos valores primordiais dos gregos. Rivalizar, competir, era o único modo de ser digno de deuses. A excelência humana era conferida principalmente pela bravura e habilidade na batalha. O mundo grego considerava a violência como algo absolutamente natural e um meio para se obterem metais e escravos.

Vemos também na descrição de Homero o germe de uma concepção mais ampla da excelência humana: a que une o pensamento à ação. Como na esperteza do jovem Ulisses ao usar o cavalo de madeira para vencer os troianos e, conseqüentemente, a guerra.

Para mesopotâmios e egípcios, os deuses eram os principais responsáveis pelo bem ou pelo mal que advém aos seres humanos. Para Homero, os deuses ainda estão muito envolvidos nos negócios do homem, mas o poeta converte o indivíduo numa personagem decisiva para os destinos do mundo.

Os homens homéricos tributam respeito aos deuses, mas escolhem seu próprio caminho, chegando às vezes a desafiá-los. Buscam seus objetivos e enfrentam seus problemas; os deuses podem ajudá-los ou frustrá-los, porém o êxito ou o fracasso só aos homens pertence.

## VERIFICAÇÃO DE LEITURA 1

1. De que maneira a explicação de Hipócrates para a epilepsia ilustra o método científico dos gregos?
2. Como ocorreu o fim da civilização micênica?
3. Qual o papel das epopeias de Homero na compreensão do homem grego?
4. Existiu uma “Guerra de Tróia”? Justifique sua resposta.



A pólis amadurecida era uma comunidade com governo próprio que expressava a vontade de cidadãos livres, não os desejos de deuses, monarcas hereditários ou sacerdotes. A pólis grega também nasceu como uma instituição religiosa na qual os cidadãos buscavam conservar uma aliança com suas divindades, mas, pouco a pouco, eles reduziram a importância dos deuses na vida política e basearam o governo na razão.

A emergência de atitudes racionais não implicava, é claro, o fim da religião, especialmente para os camponeses, que permaneciam fiéis a seus antigos cultos, deuses e santuários. Nem os dirigentes gregos deixavam de consultar presságios e oráculos antes de tomarem decisões. Cada gesto da vida pública ou da vida privada conservava uma dimensão sagrada.

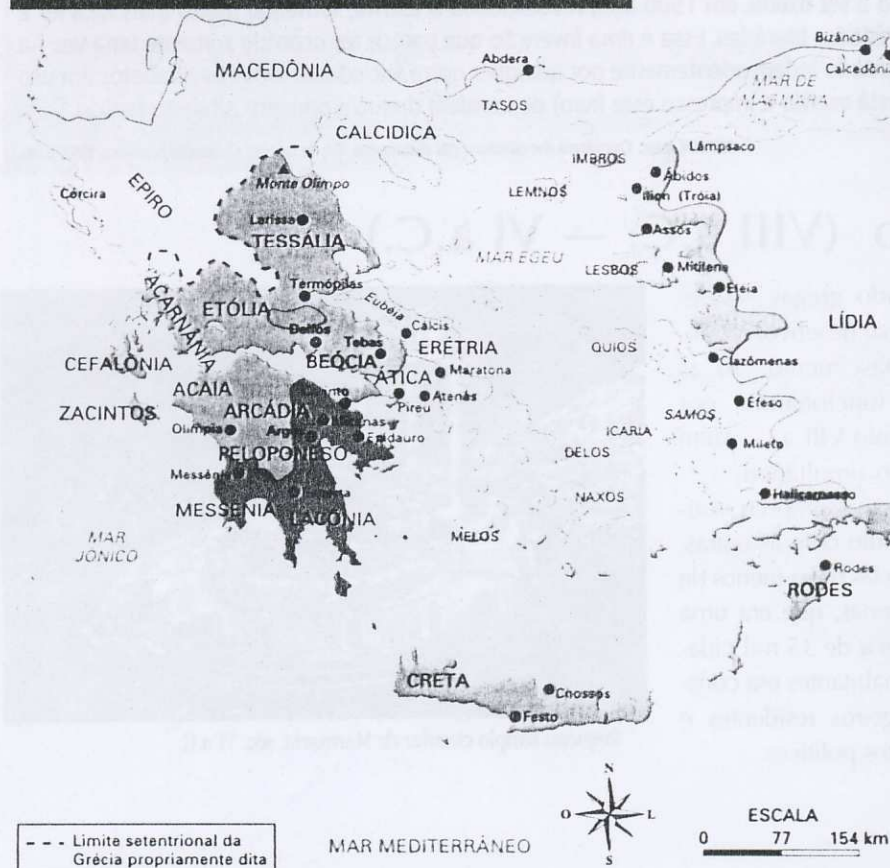
A tradição mítico-religiosa jamais desapareceu na Grécia, mas coexistiu com um crescente racionalismo. Quando a civilização ateniense atingiu seu apogeu, em meados do século V a.C., a religião já não era um fator dominante na política. O que tornou a vida política grega diferente da de civilizações primitivas, e lhe conferiu um significado duradouro, foi a capacidade dos gregos de compreender que os problemas da comunidade são provocados pelos seres humanos e exigem soluções humanas. Assim, eles chegaram a entender que a lei é uma conquista da razão mais do que algo imposto pelos deuses.

## O Mediterrâneo torna-se grego

Atenas e outras pólis gregas reuniram riqueza e organização suficientes para resolver o problema da escassez de terras férteis estabelecendo colônias no Ocidente — Sicília e Itália meridional —, nas ilhas do mar Egeu e no Oriente — ao longo do litoral da Ásia Menor e do mar Negro. Essas colônias, fundadas para resolver o problema da superpopulação e da necessidade de terras, eram cidades-Estado independentes, dotadas de governo próprio.

Durante esses 200 anos de colonização (750-550 a.C.), expandiram-se o comércio e a manufatura, o ritmo de urbanização acelerou-se e surgiu uma nova classe, a dos mercadores, cuja riqueza provinha mais de mercadorias e dinheiro do que da terra. A partir do século VII, esses mercadores acabariam por desafiar a aristocracia fundiária.

### AS PÓLIS GREGAS (750 a.C. a 338 a.C.)



### Esparta: um Estado fortificado

Situada na península do Peloponeso, mais interiorana do que a maioria das cidades gregas, Esparta foi colonizada pelos gregos dórios, de forte tradição guerreira. Enquanto as outras cidades-Estado gregas resolviam seus problemas de superpopulação e escassez de terra estabelecendo colônias, Esparta conquistava cidades vizinhas, como Messênia, no século VIII a.C.

Em lugar de vender os messênios como escravos no estrangeiro, tradicional método grego de tratar um inimigo derrotado, os espartanos conservavam-nos como "servos do Estado" ou hilotas. Enfurecidos por sua servidão forçada, os messênios, que também eram gregos, tentaram desesperadamente recuperar a liberdade. Após renhida batalha, os espartanos sufocaram a rebelião, mas o temor de uma nova revolta de escravos ficou gravada na consciência espartana.

Para conservar o domínio sobre os messênios, muito mais numerosos que eles, os espartanos, com determinação e disciplina, transformaram sua sociedade num acampamento militar.

Nessa sociedade, o trabalho agrícola era desempenhado pelos hilotas; o comércio era deixado a cargo dos *perioikoi* (periecos), gregos conquistados que eram livres mas não tinham direitos políticos.

Os espartanos eram treinados nas artes da guerra e doutrinados para servir o Estado. O treinamento militar para os meninos começava aos 7 anos de idade. Eles se exercitavam, treinavam, competiam e suportavam provações físicas.

Antes de converter-se num Estado militar, Esparta possuía um desenvolvimento cultural equiparável ao das outras cidades gregas. Entretanto, quando se isolou cultural e economicamente do resto da Grécia, tornou-se uma cidade provinciana fechada e não participava do movimento cultural que se irradiava pelo mundo grego.

Por volta de 500 a.C., Esparta emergiu como a cabeça da Liga do Peloponeso, uma aliança das cidades-Estado gregas meridionais, cujas forças de terra eram superiores às de qualquer outra coligação de cidades gregas. Prudentes por temperamento e sempre temerosos de uma rebelião hilita, os espartanos consideravam a Liga do Peloponeso um instrumento de defesa, e não de agressão.

### Laconismo

Ao contrário de Atenas, em que as leis eram discutidas por todos os cidadãos, Esparta adotava uma forte rigidez nas leis, que teriam sido atribuídas a um legislador mítico chamado Licurgo. Após a elaboração, ele teria abandonado a cidade e, a partir daí, essas leis teriam se tornado inquestionáveis. Vez ou outra Licurgo aparecia para o conselho de anciãos e as modificava, e elas novamente se tornavam inquestionáveis.

Agora pense: o que torna uma pessoa intelectualmente interessante é, entre outras coisas, seu vocabulário, que lhe permite mil maneiras de se expressar sobre o mundo. Se você não se posiciona, ou é proibido de se posicionar, seu vocabulário vai se reduzindo, reduzindo... Você se torna um indivíduo lacônico, que significa de "vocabulário curto". A palavra lacônico tem sua origem em Esparta, que se situava na planície da Lacônia. Em função da rigidez das leis e da ausência de debates públicos em assembléias, a marca dos espartanos é o laconismo, "vocabulário reduzido".

## Atenas: mudanças políticas

Atenas, situada próximo do litoral da península da Ática, possuía uma grande **esquadra** e encabeçava o comércio entre os gregos. A exemplo de outras cidades-Estado gregas, a monarquia foi a primeira forma de governo adotada. O rei, divinizado, concentrava os poderes em suas mãos. Durante o século VIII a.C., os **aristocratas** usurparam o poder dos monarcas hereditários e oligarquias foram instituídas.

No século seguinte, as pólis enfrentaram uma crise social. Camponeses que tomavam dinheiro emprestado da aristocracia, dando as terras como garantia, perdiam suas propriedades e, freqüentemente, tornavam-se escravos pelo não-pagamento desses empréstimos. Em Atenas, os camponeses exigiram e receberam, em 621 a.C., uma concessão dos aristocratas, que designaram Drácon para redigir um código de leis escritas. O código de Drácon permitiu aos pobres conhecer a lei e reduziu as arbitrariedades de juízes aristocráticos. Mas as sentenças eram extremamente rigorosas, e o código não trazia alívio para os problemas econômicos dos camponeses.

Atenas caminhava para a guerra civil, à medida que os pobres começavam a se organizar e a exigir o perdão das dívidas e a redistribuição de terras.

## Rumo à democracia

Em 594 a.C., os aristocratas nomearam Sólon, um poeta, chefe executivo com o intuito de solucionar a crise e evitar o conflito. Ele sustentava que os ricos proprietários de terras com sede de poder haviam destruído a vida da comunidade, levando Atenas às portas da guerra civil. Limitou o tamanho das propriedades, libertou os atenienses escravizados por dívidas, permitiu que todas as classes, até mesmo as mais pobres, participassem da Assembléia e abriu os postos mais altos do Estado aos ricos comerciantes, que anteriormente haviam sido excluídos por não pertencerem à aristocracia agrária.

Ao franquear a Assembléia a todos os cidadãos homens e ao tirar os cargos do domínio exclusivo dos grandes proprietários de terras, Sólon enfraqueceu os direitos tradicionais da aristocracia hereditária e deu início à transformação de Atenas de uma oligarquia aristocrática em uma **democracia**. Ao completar suas reformas, renunciou ao cargo por recusar-se a usar seu prestígio para se tornar um tirano. A **tiranía** era comum nas cidades-Estado gregas.

Os tiranos geralmente apareciam como defensores dos pobres em sua luta contra os aristocratas. Indício de que o governo devia levar em consideração as necessidades de toda a comunidade.

As reformas de Sólon não eliminaram as disputas entre os clãs aristocráticos nem diminuíram o descontentamento dos pobres. Psístrato (560-527 a.C.), outro aristocrata, tentou tirar partido da instabilidade geral para tornar-se um tirano. Depois de fracassar em duas tentativas, tomou o poder em 546 a.C. e exilou os aristocratas que se opuseram a ele.

A fim de conquistar o apoio do povo, Psístrato mandou que se instalassem canais para aumentar o abastecimento de água em Atenas e distribuiu terras confiscadas de aristocratas exilados aos camponeses pobres. Essa opção de percurso político fez com que, em seu governo, o monopólio político das famílias aristocráticas fosse eliminado de uma vez por todas. Os aristocratas continuaram a manter os cargos mais importantes, mas agora eram cada vez mais servidores do Estado, e não um grupo que via o Estado como um instrumento para atender a suas necessidades.

Psístrato estabeleceu fortes incentivos à vida cultural. Realizou grandes projetos arquitetônicos, organizou recitais das epopéias de Homero e instituiu festivais que incluíam representações dramáticas. A cultura, antes privilégio da aristocracia, estendeu-se aos homens comuns. Sua política cultural acabaria por elevar Atenas à capital cultural dos gregos.

Ao enfraquecer ainda mais o poder da aristocracia agrária, Psístrato tornou possível a instauração da democracia com seu sucessor: Clístenes (508-507 a.C.). Por meio de um método de redistribuição de cargos do Estado, Clístenes pôs fim à tradicional prática de competição pelos cargos entre os clãs aristocráticos.

Para proteger a cidade contra a tirania, introduziu a prática do **ostracismo**. Uma vez por ano concedia-se aos atenienses a oportunidade de inscreverem num caco de barro (*ostrakon*) o nome de qualquer pessoa que, para eles, representasse perigo para o Estado. Um indivíduo contra o qual se apurasse um número suficiente de votos era ostracizado, isto é, forçado a deixar Atenas durante dez anos.

A Assembléia, que Sólon abria a todos os cidadãos do sexo masculino, exceto os escravos e os estrangeiros, estava prestes a tornar-se a suprema autoridade do Estado. Nela, a palavra tornara-se o principal instrumento político. Todas as questões de interesse geral eram submetidas à arte da oratória, ao exercício da linguagem.



As ostracas eram fragmentos de cerâmica ou pedra, usados para indicar alguém que deveria ser expulso da cidade. Museu de Agora, Atenas.



## O período clássico (V a.C. — IV a.C)

Em 499 a.C., os jônios gregos da Ásia Menor revoltaram-se contra o domínio persa. Solidária com a causa jônica, Atenas enviou vinte navios para ajudar a revolta. Em resposta, Dario I, rei da Pérsia, enviou um pequeno destacamento à Ática.

Em 490 a.C., na planície de Maratona, o exército ateniense, composto por cidadãos, derrotou os persas. Dez anos mais tarde, Xerxes, filho de Dario, organizou uma enorme força invasora, com cerca de 250 mil homens e mais de quinhentos navios, destinada a converter a Grécia numa colônia. A maior parte das cidades-Estado, superando a autonomia da pólis, uniu-se para defender sua independência e liberdade.

Fonte: Atlas histórico. São Paulo: Enciclopædia Britannica do Brasil, 1969. p. 17.

Após as guerras persas, Atenas conheceu a maturidade de sua democracia e o apogeu de sua cultura. O Estado ateniense se tornou uma democracia direta, em que as leis eram feitas pelos próprios cidadãos, e não por representantes eleitos. Uma democracia em que não havia soldados e marinheiros profissionais, nem juizes mantidos pelo Estado, nem legisladores eleitos.

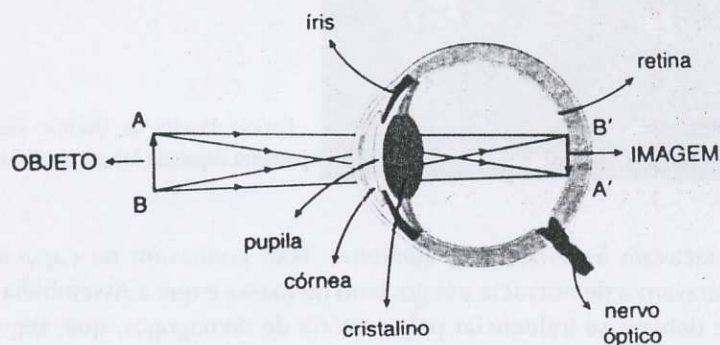
Na Assembléia, da qual podiam participar todos os cidadãos adultos do sexo masculino e que se reunia mais ou menos 40 vezes por ano, os atenienses discutiam e votavam os principais problemas do Estado — declaravam a guerra, firmavam tratados e decidiam onde aplicar os recursos públicos. Do mais pobre sapateiro ao mais rico comerciante, todos tinham oportunidade de expressar sua opinião, votar e exercer um cargo no governo.

Os deveres governamentais eram exercidos por cidadãos comuns. O Estado considerava que eles eram capazes de participar com inteligência de seus negócios e desempenhariam com responsabilidade suas funções para com a cidade.

Embora Atenas fosse uma democracia, os aristocratas continuaram a dominar a vida política durante a maior parte do século V. Tanto os generais eleitos pelo povo como os políticos mais destacados da Assembléia provinham de famílias nobres. Os estrangeiros residentes eram quase totalmente excluídos da cidadania e, portanto, da participação política. Os escravos, que constituíam aproximadamente um quarto da população de Atenas, não desfrutavam de nenhuma das liberdades que os atenienses tinham em tão alta conta. Pelo contrário, os gregos consideravam a escravidão essencial à democracia. A existência de escravos, segundo os gregos, liberava ao cidadão tempo para se dedicar às atividades políticas e culturais.

## Sorteios

O Conselho dos Quinhentos fiscalizava a administração de Atenas e preparava a ordem do dia da Assembléia. Em virtude de seus membros serem escolhidos anualmente por sorteio e não poderem servir mais de duas vezes na vida, o Conselho jamais podia substituir a Assembléia. Cerca de 350 magistrados, também escolhidos por sorteio, desempenhavam funções administrativas. Os dez generais, em razão dos conhecimentos especializados exigidos por seus cargos, não eram escolhidos por sorteio, e sim eleitos pela Assembléia.



Observe no esquema como a Ciência em nossos dias, diferentemente da época dos gregos antigos, explica o funcionamento da visão. O mecanismo da visão foi mais bem compreendido com a possibilidade do estudo da anatomia.

## Ciência e escravidão

Numa sociedade em que o trabalho manual é humilhante e tido como apropriado apenas para os escravos, o método experimental não prospera. Foi o que fez com que a ciência grega apresentasse vários erros que o método experimental poderia resolver. Por exemplo: apesar de não podermos ver na escuridão total, eles acreditavam que a visão depende de uma espécie de radar que emana do olho, ricocheteia no que estamos vendo e retorna ao globo ocular.

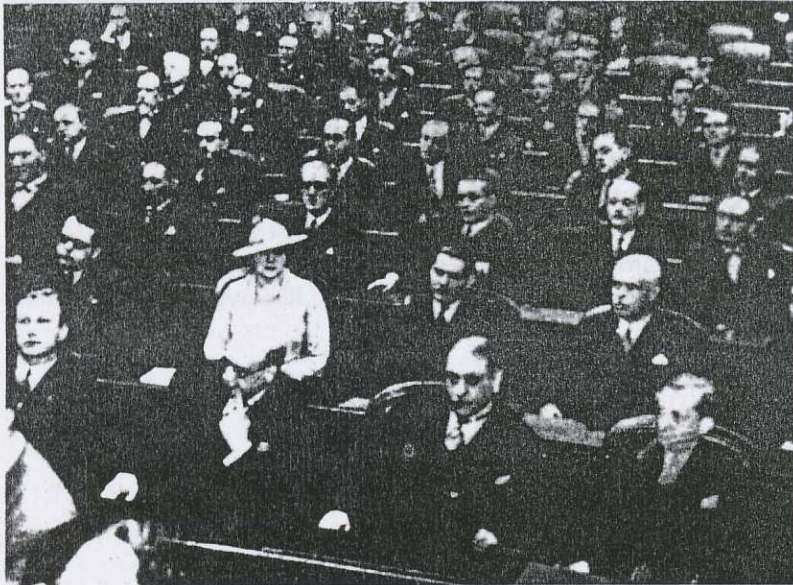
As mulheres atenienses não podiam participar da Assembléia nem exercer cargos administrativos; geralmente não podiam comparecer aos tribunais sem um representante masculino nem possuir ou herdar bens; tinham poucas oportunidades para desenvolver seus talentos; raramente saíam de casa sem o consentimento dos maridos. Quando um homem levava convidados para casa, a mulher supervisionava o preparo da comida mas não se juntava a eles, e não acompanhava o marido quando este visitava os amigos. Atenas era uma sociedade sob o domínio do sexo masculino.

## O voto feminino na democracia contemporânea

Em 1848, a Convenção dos Direitos Femininos, realizada em Nova York, publicou a "Declaração de Sentimentos", no qual defendia o direito de voto para as mulheres. Nas ruas, enquanto eram agredidas com frutas podres, elas gritavam: "Homens, seus direitos e nada mais! Mulheres, seus direitos e nada menos!". A imprensa, tomada de conservadorismo, ou as insultou ou as ignorou. Como freqüentemente ocorre, a mudança de mentalidade é lenta e apenas em 1920 as mulheres norte-americanas conquistaram o direito de voto.

No Brasil, o movimento organizado em defesa do voto feminino surgiu em 1922, quando foi fundada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, no Rio de Janeiro. Em 1928, o estado do Rio Grande do Norte passou a permitir o voto

e a candidatura de mulheres. Anos mais tarde, em 1931, foi criada a Cruzada Feminista Brasileira, engrossando as reivindicações pela participação das mulheres no processo político nacional. Em 1932, o governo federal estabeleceu as novas regras eleitorais que iriam nortear a política no país. Pela primeira vez as mulheres poderiam votar e candidatar-se. Em 1934, tomava posse a primeira deputada federal, Carlota Pereira de Queirós, eleita por São Paulo.



REPRODUÇÃO

Carlota Pereira de Queirós, eleita em São Paulo a primeira deputada federal em 1934.

Os críticos antigos também atacavam a democracia ateniense. Não confiavam na capacidade das pessoas comuns para governar. Eles consideravam a democracia um governo de massa e que a Assembléia tomava por vezes decisões precipitadas, insensatas e deixava-se influenciar pela oratória de demagogos, que, segundo o historiador ateniense Tucídides, conduzem o povo "lisonjeando seus sentimentos".

Nosso atual modelo de Estado é fruto da Revolução Francesa, que, fascinada pela democracia grega, considerava que os atenienses criaram o princípio do Estado legal — um governo fundado em leis discutidas, planejadas, emendadas e obedecidas por cidadãos livres — e a idéia de que o Estado representa uma comunidade de cidadãos livres. Ao afirmarem que o governo era algo que as pessoas criavam para satisfazer as necessidades humanas, os atenienses consideravam seus governantes homens que haviam demonstrado capacidade para dirigir o Estado, e não deuses ou sacerdotes.

Assim como desmistificaram a natureza, os gregos também retiraram o mito do domínio da política. No Oriente Próximo, a lei era concebida pelos deuses, e não podia ser separada da religião. Nem ela nem a autoridade política podiam ser matéria do discurso racional. Atenas era única, pois tentava basear o Estado e sua autoridade na razão humana, respeitando o direito do cidadão de expressar suas idéias sobre o que é certo ou justo.

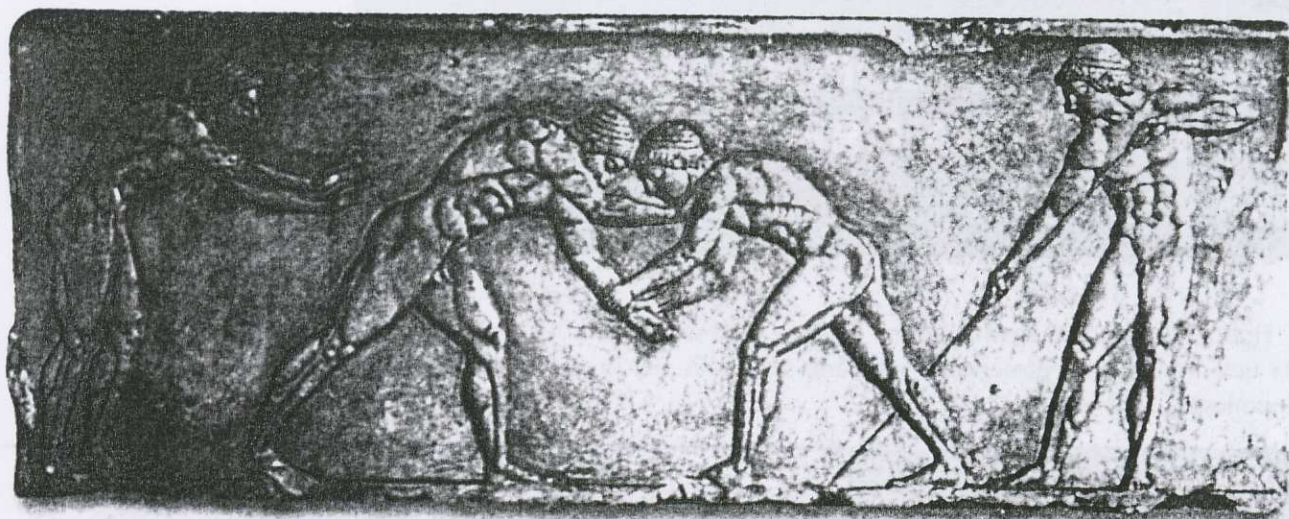
## Jogos Olímpicos

A cada quatro anos eram organizados jogos para homenagear Zeus. O lugar dessas competições era a cidade de Olímpia, numa referência à morada dos deuses na alta montanha sagrada. Há várias lendas que tratam da origem dos Jogos Olímpicos. Uma delas afirma que Atlios, filho de Zeus, teria instituído os jogos em memória de seu pai. Nesses primeiros tempos, as competições denominavam-se atla e seus participantes seriam os atletas.

A primeira Olimpíada da Antiguidade que se tem registro seguro ocorreu em 776 a.C. Apenas duas cidades enviaram seus representantes. Nos Jogos seguintes, em 772, um jovem, após vencer uma corrida, subiu no monte onde encontrava-se o templo de Hermes, deus da velocidade, e depositou o prêmio de sua vitória: a coroa de louros. A partir de então, cada vez mais cidades integravam-se às competições enviando seus atletas. E os jogos passaram a ser disputados em sete dias. No

início, disputavam-se apenas provas de corridas simples. Posteriormente, foram incluídas a corrida com armas, a luta (pugilato), o pentatlo (corrida, luta, arremesso de dardo, de disco e de peso) e as corridas de cavalos, bigas e quadrigas.

A semana dos jogos era um período de trégua geral na Grécia Antiga. Simbolizava o esplendor da força humana e o desenvolvimento do corpo com os valores do espírito. E um momento mágico, de aproximação com os deuses.



REPRODUÇÃO

Luta grega. Museu Nacional de Antropologia, Atenas, Grécia.

Tanto o pensamento político sistemático quanto a política democrática tiveram origem na Grécia. Lá, pela primeira vez, discutiram-se os méritos das várias formas de governo. É à Grécia que remontam as idéias de cidadania e de igualdade perante a lei.

No entanto, há uma diferença fundamental entre o conceito grego de liberdade e o nosso. Preocupamo-nos em proteger o indivíduo do poder do Estado, que freqüentemente é por nós considerado uma ameaça à liberdade individual. Na máxima de Thomas Jefferson, patriarca da democracia norte-americana, "o melhor governo é o que governa menos", ou seja, quanto menos o governo interferir em nossas vidas, melhor. Esse é o cerne de nosso ideal democrático.

Ao identificarem o bem do indivíduo com o bem da comunidade, os gregos não cuidaram de criar mecanismos de defesa contra o Estado. Para eles o Estado não significava uma temível força estranha contra a qual tivessem de se proteger, mas uma espécie de segunda família, que lhes ensinava o caminho correto e lhes permitia desenvolver seu potencial.

Péricles (495-429 a.C.), um talentoso estadista, orador e comandante militar, foi a principal personalidade da vida ateniense no século V a.C. Tão notável foi sua liderança que esse período, no qual os atenienses foram grandes no fazer política, na escultura, na arquitetura, na filosofia e no teatro, é chamado de **Século de Péricles**.

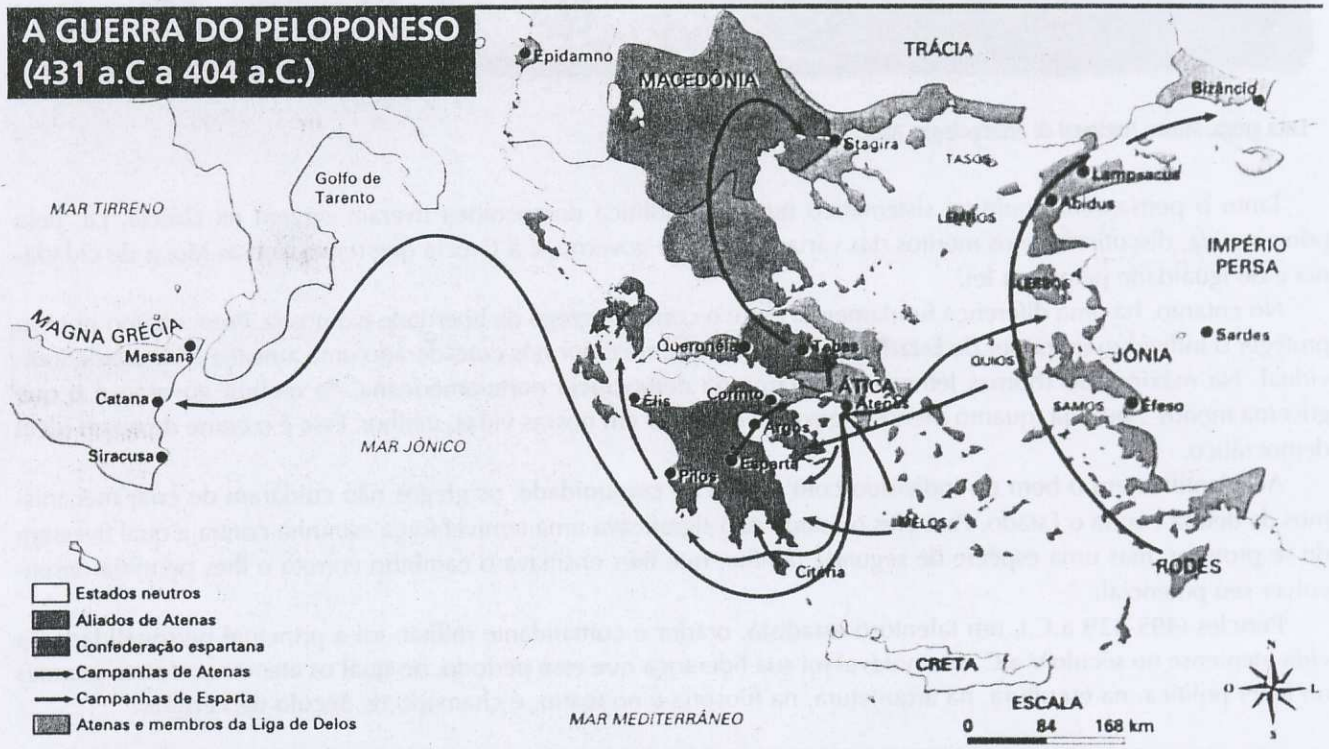
## VERIFICAÇÃO DE LEITURA 2

1. Caracterize a pólis grega.
2. Qual a relação entre o laconismo e a civilização espartana?
3. Caracterize a democracia ateniense.
4. O que levou Atenas a tornar-se uma democracia?
5. Qual a relação entre as guerras persas e o apogeu ateniense?

# GUERRA DO PELOPONESO: O SUICÍDIO DA GRÉCIA DAS CIDADES

Embora compartilhassem a mesma língua e a mesma cultura, os gregos permaneciam politicamente divididos pela determinação de preservar a soberania das pólis. Tal opção acabou favorecendo a eclosão da Guerra do Peloponeso.

## A GUERRA DO PELOPONESO (431 a.C a 404 a.C.)



Fonte: PARKER, Geoffrey. Atlas Verbo de História Universal. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1996. p. 31.

Durante as guerras persas, as cidades-Estado organizaram uma confederação, a **Liga de Delos**, para se protegerem contra a Pérsia. Atenas, forte política e militarmente, acabou assumindo a liderança da Liga. Em grande parte devido à força militar naval ateniense, a Liga varreu do mar Egeu persas e piratas. Assim, ela foi sendo colocada ao sabor dos interesses econômicos imperialistas de Atenas, que proibiu a saída dos Estados membros, dispôs guarnições por toda a Grécia e utilizou o dinheiro da Liga para financiar obras públicas durante o Século de Péricles. Ainda que recebessem uma proteção efetiva, não fossem oneradas por pesados tributos e contassem com um intenso comércio, os Estados integrantes da Liga temiam a exploração e o domínio ateniense.

Quando diminuiu a ameaça persa, a antipatia pelo imperialismo ateniense cresceu particularmente entre os espartanos e seus aliados, que criaram a **Liga do Peloponeso**, uma força militar terrestre, e se decidiram pela guerra por sentirem sua independência ameaçada pelo imperialismo de Atenas. A guerra acabou representando o suicídio da Grécia das pólis independentes.

A Liga do Peloponeso invadiu a Ática e incendiou os campos. Em 430 a.C., uma peste devastou Atenas, matando cerca de um terço de sua população, inclusive seu chefe, Péricles (em 429 a.C.). Atenas, uma potência militar naval, resistiu e a Liga não conseguiu vencê-la. Nessa primeira etapa, a guerra terminou sem vencedor. Em 421 a.C., ambos os lados, cansados da luta, assinaram um tratado de paz.

Ainda assim, alimentados pelo desejo imperialista de estender o império para o Ocidente, os atenienses invadiram a Sicília, mas não foram bem-sucedidos. Alguns de seus aliados começaram a abandoná-los. Esparta, por sua vez, receando que uma possível vitória de seus inimigos na Sicília lhes aumentasse o poder, voltava a recorrer às armas contra eles. Fortalecida por um apoio financeiro da Pérsia, impôs a rendição de Atenas, dissolveu a Liga de Delos, reduziu drasticamente a frota de navios atenienses, demoliu suas altas muralhas, mas, apesar das exigências de alguns aliados, não matou os cidadãos nem escravizou mulheres e crianças do inimigo.

As cidades-Estado da antiga Liga de Delos, a essa altura extremamente fragilizadas, submeteram-se a um governo espartano opressor e culturalmente estéril. Muitas tiveram seus governos democráticos substituídos por oligarquias espartanas. No entanto, a hegemonia de Esparta teve curta duração, pois as cidades-Estado dominadas criaram novos sistemas de alianças e persistiram em seus destrutivos conflitos, permitindo que Tebas, antiga aliada, se tornasse hegemônica.

Enquanto as cidades gregas estavam envolvidas nas sucessivas guerras, surgia ao norte uma nova potência, a Macedônia. Para os gregos, os macedônios, a quem davam o nome de **bárbaros**, eram um povo selvagem das montanhas que adquirira um verniz de cultura helênica, pouco diferindo das outras populações não-helênicas. Seu rei, Filipe II, passara três anos como refém em Tebas, onde aprendera táticas militares gregas, enquanto observava o enfraquecimento dos Estados gregos nas guerras. Erigido ao poder em 359 a.C., com apenas 23 anos de idade, Filipe II converteu a Macedônia numa potência militar e deu início à conquista da Grécia. Aos poucos, estendeu seu império a todas as cidades-Estado gregas. Em 338 a.C., infligiu contundente derrota aos gregos e, em Queroneia, passou a dominar toda a Grécia. As cidades-Estado perderam a independência. A civilização grega adquiria uma forma diferente.

## VERIFICAÇÃO DE LEITURA 3

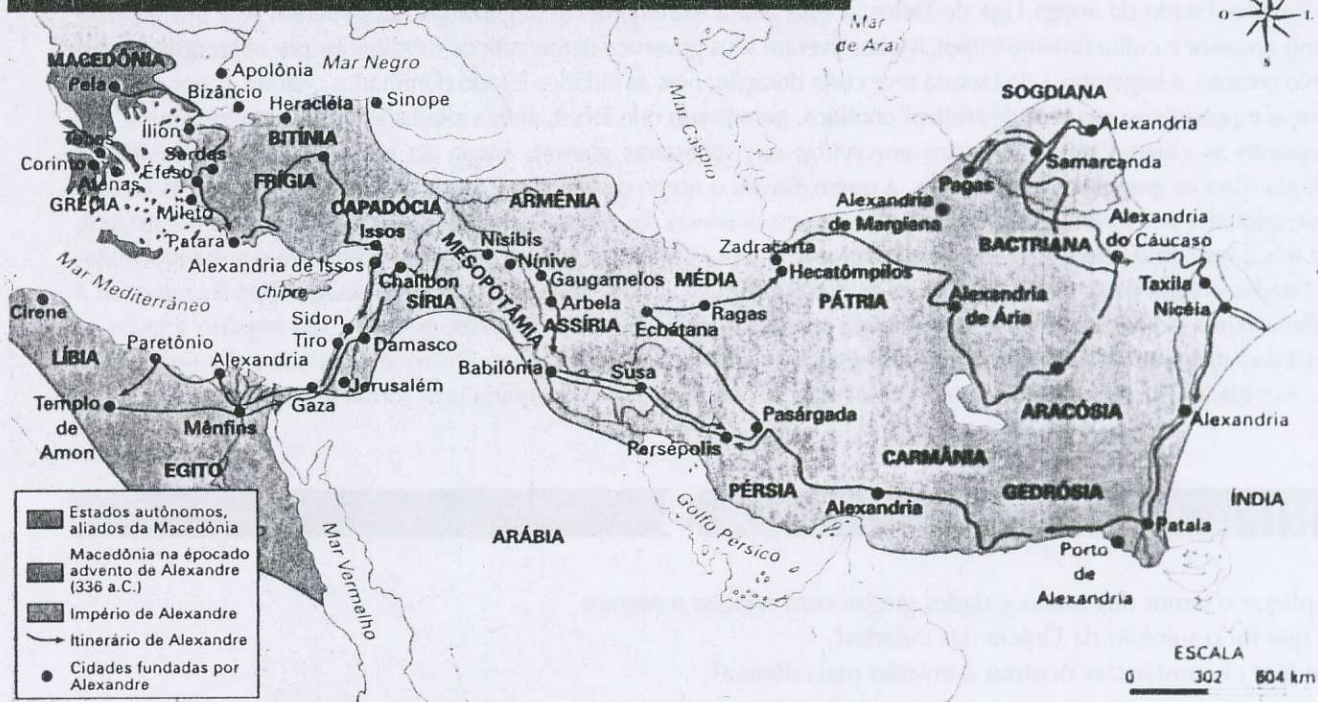
1. Explique o temor das outras cidades gregas com relação a Atenas.
2. O que foi o suicídio da Grécia das cidades?
3. Em que circunstâncias ocorreu a invasão macedônica?

## PERÍODO MACEDÔNICO OU HELENÍSTICO (III a.C. – II a.C.)

De cidade em cidade, de civilização em civilização, a ciência viaja com as caravanas de mercadores, os exércitos invasores e os viajantes solitários. A matemática dos gregos, entre eles Pitágoras, chegou até nós por meio de Alexandria, cidade egípcia às margens do rio Nilo. Ali um grego chamado Euclides, que chegou à cidade por volta do ano 300 a.C., escreveu um dos livros mais copiados e traduzidos de toda a História: *Elementos da geometria*.

A história dessa cidade e da "viagem" do conhecimento grego se confunde com a trajetória dos macedônicos. Após o assassinato de Filipe II da Macedônia, em 336 a.C., subiu ao trono seu filho, Alexandre, cujo professor, o filósofo grego Aristóteles, buscou ensinar-lhe os valores da cultura grega e também os poemas de Homero. O jovem Alexandre deixou-se influenciar por essas histórias de heróis míticos que lutavam pela glória pessoal e ambicionava conquistar todo o Império Persa. Em 334 a.C., à frente de um exército de 35 mil homens, atravessou a Ásia Menor. Além de soldados, levou cientistas para estudar a vida vegetal e animal e cartografar o terreno. Após conquistar o litoral da Ásia Menor, Alexandre marchou contra a Síria e derrotou o exército persa. No Egito, em reconhecimento por terem sido libertados do jugo persa, os egípcios o fizeram faraó. Ali fundou uma nova cidade, Alexandria.

## AS CONQUISTAS DE ALEXANDRE (334 a.C. a 323 a.C.)



Fonte: Atlas da história do mundo. São Paulo: Empresa Folha da Manhã S.A., 1995, p. 77

Alexandre embrenhou-se em seguida na Ásia, atravessando o Afeganistão em direção ao norte da Índia. Quando anunciou seus planos de penetrar mais fundo na Índia, suas tropas, exaustas e distantes de casa, recusaram-se a continuar. Cedendo aos desejos dos soldados, regressou em 324 a.C.

Ao vencer todas as batalhas, o exército de Alexandre construiu um império que se estendia desde a Grécia até a Índia. Suas conquistas aproximaram o Ocidente e o Oriente, assinalando o início de uma nova era. Ele próprio participou dessa transformação: casou-se com uma persa, organizou o casamento de 80 de seus oficiais e 10 mil de seus soldados com mulheres orientais e incorporou 30 mil jovens persas a seu exército. Fundou cidades de estilo helênico na Ásia, onde os colonos gregos se misturavam aos orientais.

À medida que os gregos adquiriam um conhecimento mais amplo sobre o Oriente Próximo, a mentalidade provinciana da pólis, voltada para seu próprio mundo, cedia lugar a uma perspectiva mais universal.

Em 323 a.C., aos 33 anos incompletos, Alexandre morreu, vítima de uma febre. Sua morte assinalou o fim do curto período de unidade política que ele estabelecera. Disputas sucessórias entre seus generais levaram à divisão do Império. Em 275 a.C., o império partiu-se em três dinastias: os *ptolemaicos*, no Egito; os *selêucidas*, na Ásia; e os *antigônidas*, na Macedônia. (A Macedônia — terra natal de Alexandre — continuou a dominar as cidades gregas, que periodicamente tentavam se rebelar.) Esses reis helenísticos não eram governantes nativos que gozavam de apoio local, exceto na Macedônia, mas conquistadores estrangeiros que se utilizavam de exércitos de mercenários para manter a ordem. Estavam sempre empenhados em guerrear entre si.



Escultura heleno-indiana, século III ou IV d.C.

A escultura acima contém traços nitidamente gregos, evidenciando a influência helênica no Oriente. Enquanto o comércio e as viagens entre o Ocidente e o Oriente se expandiam, mercadores e soldados gregos se estabeleciam em terras asiáticas e a cultura grega era transmitida a não-gregos, diminuindo as distinções entre os considerados bárbaros e helenos.

Em meados do século II a.C., Roma, uma nova força que se levantava no Ocidente, havia subjugado os fragilizados reinos helenísticos. A partir daí, as histórias políticas dos Mediterrâneos ocidental e oriental estariam mais interligadas ainda, agora via Império Romano.

A sociedade helenística caracterizava-se pelo intercâmbio de culturas. As tradições gregas espalhavam-se até o Oriente Próximo enquanto as mesopotâmicas, egípcias, hebraicas e persas expandiam-se para o Ocidente.

Os selêucidas, seguindo a orientação de Alexandre, fundaram cidades no Oriente nos moldes das cidades-Estado da Grécia. Milhares de gregos estabeleceram-se nessas cidades, que possuíam escolas, templos, teatros e ginásios de arquitetura helênica. Essas cidades serviam como centros difusores do helenismo, que era adotado pelos não-gregos.

A maior cidade da época e uma das mais representativas do helenismo foi Alexandria. Por estar estrategicamente situada numa das barras do rio Nilo, tornou-se um centro de comércio e de cultura. Cidade mais populosa do

mundo mediterrâneo, ela contava com cerca de 1 milhão de habitantes — egípcios, persas, macedônios, gregos, hebreus, sírios e árabes. Para lá eram atraídos poetas, filósofos, médicos, astrônomos e matemáticos.

Além de suas instituições urbanas e idéias, os gregos difundiram seu idioma, que se tornou a língua do mundo mediterrâneo. O comércio internacional foi facilitado pelo progresso nas técnicas de navegação, por melhores instalações portuárias e pela expansão da economia monetária.

As cidades do Egito e da Síria assistiram à emergência de uma aristocracia nativa que, além do idioma, adotou os costumes gregos. Todos os aspectos da vida intelectual foram modificados pelo intercâmbio cultural. Os historiadores escreviam sobre a história do mundo, e não apenas dos locais. Os astrônomos gregos utilizavam as informações que os babilônios haviam acumulado através dos séculos. As Escrituras hebraicas eram traduzidas para o grego para que pudessem ser lidas pelos judeus gregos, e os pensadores judeus começaram a tomar conhecimento da filosofia grega. Os gregos mostraram um fascínio crescente pelos cultos religiosos orientais. Seus filósofos ajudaram a romper as barreiras entre os povos, asseverando que todos eram filhos da mesma pátria. Nas palavras do pensador grego Crates (século IV a.C.): “Minha pátria não tem apenas uma torre, não tem apenas um teto. Minha cidade é o mundo inteiro, um lar onde todos podem viver”.



Detalhe do “Mosaico de Alexandre” (cópia romana de uma pintura helenística tardia), c. 80 a.C. Museu Nazionale, Nápoles/Scala.

## VERIFICAÇÃO DE LEITURA 4

1. Qual o papel de Alexandre na difusão da cultura grega?
2. Quais as diferenças entre a cultura grega das pólis do período clássico e a cultura helenística?

## UM OUTRO OLHAR

1. Observe as esculturas ao lado:
  - a) Aponte as características apresentadas por elas.
  - b) Há uma noção do que é belo e harmonioso expresso nas esculturas. Qual seria?
  - c) Que características da sociedade grega justificariam este modelo de belo?



*Efebo de Krintios*, escultura em mármore (c. 480 a.C.). Museu da Acrópole, Atenas.



*Hermes*, de Praxíteles (c. 330-320 a.C.). Museu de Olímpia.

## OFICINA DE HISTÓRIA

### I. Leitura complementar

Em 1900, Sigmund Freud escrevia:

"[...] Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época [a infância] e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior. [...] Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome. Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio de que a criança ainda por nascer seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto a suas origens, também ele interrogou um oráculo e foi alertado para evitar sua cidade, já que estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditava ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida, dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram